

REVISTAS SEMANAIS BRASILEIRAS E ALGUMAS QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

Carla Luciana S da Silva¹

Resumo: *Este texto é um relato de pesquisas em andamento. Buscamos divulgar parte do trabalho que vem sendo feito no âmbito do Laboratório Estado e Poder e ao mesmo tempo apresentar algumas das questões de pesquisa que vêm dando norte às pesquisas centradas no estudo da imprensa brasileira. As relações entre história e imprensa precisam ser problematizadas para que se perceba a imprensa como uma fonte dinâmica que pode ser também objeto de pesquisa na medida em que as empresas jornalísticas possuem um papel organizativo e ativo na história brasileira.*

Palavras chaves: *história e imprensa; hegemonia; estado e poder*

Abstract: *This paper is a report about researches which are in progress. It aims to spread part of the work that has been done in the range of the Laboratório Estado e Poder (State and Power Laboratory). At the same time, it aims to present some of the questions which has orientated the researches centered in the study about the Brazilian press. The relations between history and press need to be problematized, to make possible to perceive the press as a dynamical historical source that can also be an object of research, in so far as the press companies have an organization and active role in the Brazilian history.*

Key-words: *history and press; hegemony; state and power*

Este texto tem caráter exploratório, tratando-se de um relato de pesquisas em andamento. Nosso objetivo é divulgar parte do trabalho que vem sendo feito no âmbito do *Laboratório Estado e Poder* e ao mesmo tempo apresentar algumas das questões de pesquisa que vêm dando norte às pesquisas centradas no estudo da imprensa brasileira.²

¹ Professora do Programa de Mestrado em História da Unioeste – Linha de Pesquisa ESTADO E PODER.

² Tendo como eixo as relações de poder e hegemonia, no Laboratório também são desenvolvidas pesquisas com outras fontes e problemas. Ver, por exemplo, KOLING, 2007.

A elaboração de hipóteses é considerada parte crucial do bom desenvolvimento da investigação, tendo em vista que ela permite dar um rumo consistente à investigação. Ao pesquisador não cabem as afirmações prontas e acabadas, mas sim a indagação permanente do seu material de pesquisa. Mas isso, por outro lado, também não implica em considerar a fonte como auto-explicativa, expressão de verdade absoluta. São justamente as diferentes motivações da produção da fonte que nos levam à necessária indagação de seu sentido. Significa dizer que há delimitações metodológicas necessárias: o sentido que propõe o produtor da fonte não é necessariamente o sentido que lhe é dado pelos sujeitos que com ela interagem. Mas não é possível negar um sentido, motivações explícitas na sua produção. Quando falamos de imprensa, a fonte privilegiada nesse trabalho, essa afirmação é respaldada, e seguiremos em torno dessa idéia.

O eixo central das pesquisas desenvolvidas no Laboratório gira em torno das relações entre estado e poder. Essas relações não são tomadas de forma estanque, mas sim dinâmicas, expressando correlações de forças em permanente mutação. Por isso os conceitos presentes em Gramsci são fundamentais para esse trabalho, tais como: hegemonia, guerra de posições, partido político, entre outros. Esse eixo nos permite desenvolver pesquisas sobre as mais diversas fontes que de alguma forma explicitem as relações de poder na sociedade de classes contemporânea, seja as associações de classe, empresariais, ou mesmo políticas estrito senso. É a partir dessa perspectiva que a abordagem sobre a imprensa é realizada. Ela é vista sempre como uma organização de classes que se vincula a interesses específicos e que acaba exercendo funções importantes nos mecanismos de reprodução do capital.

A maior parte das pesquisas centra-se na imprensa hegemônica, mas essa abordagem permite também analisar a imprensa contra-hegemônica, na medida em que essa possibilita uma visão de combate no campo da luta de classes. Ademais, com a ampliação do Estado acelerada nas últimas décadas na história brasileira, é relevante entender em que medida a imprensa contra-hegemônica também está embrenhada nos mecanismos de reprodução do próprio Estado. Essa é uma questão que aparece ainda aberta para investigação, podendo ser aprimorada como hipótese de trabalho a luz da compreensão das formas de

disseminação da pedagogia da hegemonia, com um bloco histórico caracterizado como:

No plano econômico, a reprodução ampliada do capital – sob a direção do grande capital, a partir do emprego diretamente produtivo da ciência e da técnica -, a expropriação crescente do trabalho pelo capital e a extração da mais-valia, por intermédio da intensidade do trabalho e do aumento da produtividade da força de trabalho. No plano político, um Estado que intervém nos rumos da produção e nas relações político-sociais com vistas à legitimação dos padrões de relações sociais vigentes. (Neves, 2005, 20).

Desde o início dos anos 2000 temos conseguido aprimorar um acervo disponível para a pesquisa pública, que pode ser considerado primoroso do ponto de vista da história da imprensa brasileira recente. Dentre as revistas temos a *Veja*, *Isto É*, *Época*, *Visão*, *Carta Capital*, entre outras. O material possibilita a pesquisa sobre a história do Brasil e também mundial contemporânea. O fato de termos um recorte centrado na imprensa como produtora e também como agente do processo histórico não impossibilita outras leituras desse mesmo material. Percebemos especialmente a possibilidade de estudos temáticos sobre história recente, como por exemplo, da América Latina, das relações internacionais, das diferentes manifestações culturais criadas ao longo da histórica recente, como aquelas vinculadas ao desenvolvimento tecnológico e sua influência na vida contemporânea. Para visualizar isso de forma mais clara cabe perceber a forma como são estruturadas as revistas semanais brasileiras, que são a principal fonte do acervo.

As revistas semanais têm tido um papel importante na história recente do Brasil, especialmente nos últimos cinquenta anos. Elas cresceram juntamente com a cultura midiática e também com o aprimoramento tecnológico vinculado às empresas jornalísticas. Os anos 1960 são decisivos, pois nele ocorreu o lançamento da Revista *Realidade*, tida por muitos como um marco do jornalismo investigativo no Brasil (FARO, 1999). Em 1968 tivemos o lançamento da revista *Veja*, a mais antiga em circulação. Emblemático daquele período, ano de contestação e também de acirramento da ditadura, a imprensa dos semanários cada vez mais se consolidava como dependente da lógica mercadológica, da imposição tecnológica e de relações de poderes implícitas.

Veja conseguiu durante algum tempo construir uma identidade crítica, fato devido em grande medida a sua postura ambígua diante da censura à que a revista foi submetida até 1976: era censurada, e só lhe cabia criticar a essa afronta aos seus preceitos liberais; ao mesmo tempo defendia em sintonia com o governo militar a impossibilidade de abertura política democrática. As pesquisas sobre a revista têm avançado cada vez mais, especialmente sobre o período mais recente, sua atuação como “*partido neoliberal*” (SILVA, 2005). Há muitos aspectos ainda a serem estudados, especialmente seu papel nos anos 1970 e 1980, suas relações com o poder e sua vinculação programática, devem ser ainda objeto de investigação.

A partir de 1976 surge a revista *Isto É*, tendo como diretor o ex-diretor da revista *Veja*, Mino Carta. Mais do que a preocupação de Carta sobre as intrigas e posições com relação à ditadura (elemento sempre presente nos textos sobre a questão), nos parece que há um campo ainda em aberto para estudos e aprofundamento que é o caráter de classe dessas revistas, ou ainda, o aprofundamento dos grupos que sustentaram a criação de *Isto É* e que nos permitirá responder a quem a revista interessa, para quem ela fala e mandando a mensagem de quem?

Essa questão ainda está em aberto, apesar de estudos estarem sendo realizados sobre a revista. A consideração fundamental de que a imprensa age como partido implica necessariamente em tentar responder, ou ao menos colocar a questão: partido de quem? Um exemplo disso está no importante trabalho sobre a revista *Isto é* em que Duarte utiliza desse referencial, mas ao mesmo tempo lança a hipótese de que “*talvez o principal objetivo do lançamento de Isto É, de fato era a venda da revista e de publicidade*”. (2007, 39) É uma questão a ser aprofundada, pois a publicidade está vinculada a outros tipos de interesse, as empresas que anunciam escolhem onde querem anunciar, e essas escolhas muitas vezes estão vinculadas a posições políticas, que têm fundamentações econômicas tácitas.

Queremos ressaltar o caráter empresarial da imprensa, ela precisa de algum tipo de sustentabilidade, pois o avanço tecnológico constante requer permanentes investimentos. Muitas vezes as relações com o poder institucional estão diretamente vinculadas à garantia de subsídios, de preços, isenção de impostos, de empréstimos a fundo perdido, etc, de forma muito mais crucial do que o anúncio estampado na página da revista. O problema é que

aqui saímos da pesquisa do texto da revista e temos que nos deslocar para outras fontes que são de difícil acesso. Mas essa é uma tarefa que precisa ser ainda encarada de frente pelos pesquisadores da área. Índícios dessas negociatas temos nos próprios livros de memórias de jornalistas renomados, como Mario Sergio Conti, Samuel Wainer, entre outros. A grande imprensa tem a prática de se escudar na afirmação de que não depende de publicidade governamental, e de que quem paga sua tiragem são os anunciantes, como já apontamos ao analisar a revista *Veja*. De fato, isso parece correto como regra geral. Mas, nos momentos de crise de anunciantes, são os anúncios governamentais que garantem a existência das revistas.

Esse nos parece ter sido um problema bastante sério para a imprensa muitas vezes vista como contra-hegemônica, como no caso de revistas como a *Caros Amigos* ou das publicações da *Oficina de Informação*. Mas nos faltam pesquisas que permitam ter uma postura conclusiva para elucidar a relação entre a linha editorial desses veículos e a relação com os governos federais, estaduais e municipais.

As pesquisas realizadas no *Laboratório* estão apontando para um campo fértil de estudos que é o processo de redemocratização brasileiro após a Ditadura Militar instaurada em 1964. Ao mesmo tempo, as relações da ditadura com os movimentos sociais são outro campo explorado com bons resultados. Apesar da censura a que foram submetidos os grandes veículos de imprensa, é possível encarar essas revistas como uma fonte muito produtiva sobre essa temática. Esse é o caminho apontado por Tezini que mostra que

Uma característica marcante da produção jornalística em *Veja* é a sua 'versatilidade' em dizer o mesmo: a revista procurou até este momento, final de 1977, construir o sentido de que as idéias dos estudantes não eram mais as mesmas e a participação política destes, não deveria romper as barreiras da Universidade. Ou seja, a revista desenvolveu uma campanha sistemática para conter a reorganização dos estudantes. (2007, 203)

Isso deve ser entendido em um contexto em que, como aponta, "o movimento estudantil estava ganhando força a nível nacional, reivindicando uma democracia que atendesse aos interesses da maioria da população, o que foi de encontro à posição de *Veja* –

expressivo partido burguês no Brasil". A revista, segundo aponta "possui uma dupla atuação: 'orientar' e 'alertar' os estudantes. Indicar o que o movimento deveria fazer ao noticiar suas ações, de forma bastante interessada. E ao mesmo tempo solicitar e legitimar a repressão, quando julgava necessário". Essas afirmações indicam um caminho de investigação que leva ao fato de que a redemocratização que a grande imprensa queria naquele momento deveria ter o controle estrito do governo militar. Quaisquer manifestações que fugissem à ordem controlada era tida como "baderneira", indesejada e ameaçadora da democracia. Dessa forma, defender a ditadura parecia ser uma opção para os auto-intitulados democratas da imprensa. A prática de combate aos movimentos sociais não é novidade na imprensa, e nem se encerra naquele período, como já apontamos na própria *Veja*. (SILVA, 2007)

Em linha muito próxima, o trabalho de iniciação científica de Edina Rautenberg mostra como a revista *Veja* construiu e buscou consolidar uma visão hegemônica acerca das guerrilhas no Brasil. A revista forjava uma imagem negativa dos guerrilheiros, mostrados como bandidos e subversivos. O objetivo principal parece ter sido afastar qualquer possibilidade de apoio da população com relação aos guerrilheiros, elemento essencial para o sucesso de qualquer guerrilha urbana, e supõe-se que o público de *Veja* poderia vir a fazer parte desses possíveis apoiadores. Por isso o discurso ecoava naquela realidade, buscando ter uma implicação imediata. A tese do "inimigo interno" e da ideologia de segurança nacional fazem parte do discurso de defesa da ordem, elemento central na revista. Ela sempre promete aos leitores que caso houvesse "paz" e ordem mais rápida seria restabelecida a democracia. Por isso, negar qualquer sucesso de movimentos guerrilheiros era tão importante. No período mais avançado da Ditadura, a revista chegou a propor que aqueles que militavam ou apoiavam a guerrilha se somassem à "militância pacífica", se restringissem a "exigir democracia", expressão vazia de sentido e que merece também maior aprofundamento nos estudos sobre a imprensa.

Temos tido interesse em aprofundar a discussão sobre o período da redemocratização, trabalhando em torno de uma questão geral: qual o papel que os meios de comunicação tiveram nesse processo? O pressuposto segue sendo a ação como partidos políticos dos diferentes órgãos de comunicação, especialmente aqueles que são organizados em grupos, que conseguem sintetizar suas posições

e difundi-las por diversos meios, como o Grupo Abril. Os estudos se centram, todavia, em casos específicos. Será o conjunto dos trabalhos que permitirá ter uma visão de conjunto mais aprofundada. Ao remeter a um grupo se coloca a questão da unidade de pensamento e programa político que propõem, bem como nos permite elaborar questões sobre as suas relações políticas e econômicas.

O trabalho de Selma Duarte sobre a postura de *Isto É* diante do governo Geisel mostra que muitas vezes a revista acabava reproduzindo o discurso oficial: de que a oposição atrapalhava o avanço da democracia e também da própria sociedade civil que, nas palavras do Ditador “*não está preparada para tomar decisões importantes, como, por exemplo, a escolha do presidente da República*”. (2007, 60) A análise aponta para uma certa legitimação desse discurso, na medida em que o coloca como uma ameaça à volta da democracia. Em certo sentido, a postura liberal dessa imprensa não tem problemas para conviver com essa proposição, afinal, mesmo na democracia sua postura tem sido a de sustentar a ordem, de questionar as “*badernas*” e criticar os movimentos sociais.

O estudo ainda em andamento de Priscila Marins² busca investigar as formas específicas de construção de hegemonia a partir da revista *Isto É*. (DEL ROIO, 2007, 77) Instiga uma interessante questão: por que o surgimento da revista *Isto É* esteve vinculado ao surgimento das revistas *Senhor* e *Isto É Senhor*? É possível detectar frações da burguesia paulista que precisavam estabelecer contato com interlocutores específicos? O fracionamento de partidos burgueses não é nenhuma novidade. A existência de pequenos partidos com efeito de longo alcance também tem sido uma característica da política brasileira, como apontam os estudos, por exemplo, sobre o integralismo (CALIL, 2001). Cabe investigar essas características na imprensa brasileira. É também com essa perspectiva que está sendo desenvolvido o trabalho de Iniciação Científica de Gervasio César Junior. Ele investiga as frações burguesas que estão representadas na revista *Visão* no período do governo Geisel, ou seja, período em que se implementa a chamada abertura “*lenta, gradual e segura*”. Seu problema passa por perceber quais

² MARINS, Priscila Marchiori. Projeto de Dissertação de Mestrado em andamento. Programa de Mestrado em História UNIOESTE.

os setores são contemplados pela revista, elucidando assim qual o sentido de sua curta existência.

Dentro dessa questão ainda temos o trabalho em andamento de Luiz Fernando Guimarães Zen. Segundo ele, "*a pesquisa busca investigar como ocorreu na década de 1980 no Brasil, a transição política da ditadura militar para a abertura do processo de redemocratização do país.*"³ Mais especificamente, a concepção de democracia que estava sendo defendida, questionando se é possível perceber um programa próprio sendo engendrado e defendido nas páginas da revista, ou a quais grupos o mesmo se filiava. Também objetiva perceber quais são os projetos combatidos, e em que medida a revista exerceu seu poder de "fazer campanha" para derrubar outros projetos distintos do seu, ou seja: "*como a revista Veja se utilizou de sua capacidade de organização para defender a democracia e quais eram os projetos de democracia que podem ser identificados na revista*". (DEL ROIO, 2007, 89) Temos elementos suficientes para investigar em que medida naquele momento estava sendo engendrado o programa neoliberal por parte dos articulistas de *Veja*, pois já temos dados suficientes para entender a continuidade desse processo de "redemocratização", estudado após 1989 (SILVA, 2005).

A concepção de democracia e a utilização desse conceito como arma ideológica é um tema que está presente também no trabalho de Alessandro Lima, que iniciou essa discussão como iniciação científica e atualmente estuda a relação da revista *Veja* e *Época* com o governo venezuelano de Chavez,⁴ investigando a concepção de democracia subjacente às críticas das revistas (DEL ROIO, 2007, 84).

A perspectiva interdisciplinar tem sido observada nesses trabalhos, sobretudo com estudos na área da *Análise de Discurso*.⁵ Esse método, ligado ao materialismo histórico, traz a percepção da existência do sentido do discurso, da necessidade de estudo das condições de produção e das formações ideológicas e discursivas nas quais os discursos estão inseridos. O discurso é produzido sempre com alguma intencionalidade e por isso acaba fazendo parte

³ ZEN, Luiz Fernando Guimarães. Projeto de Mestrado em andamento. Programa de Mestrado em História UNIOESTE.

⁴ LIMA, Alessandro. Projeto de Mestrado em andamento. Programa de Mestrado em História UNIOESTE. Orientação: Prof. Dr. Gilberto Calil.

⁵ Foi com esse sentido que oferecemos em 2007, em conjunto com professor doutor em Análise de Discurso, Alexandre Ferrari Soares, a disciplina *Imprensa, ideologia e discurso*.

de uma relação de poder. A nós interessa buscar essas intenções, mesmo quando se trata de falsificação da realidade, que pode também ter um sentido importante. Mas, ao agregar à discussão a noção de hegemonia⁶ não nos atemos à concepção de manipulação, agregando o convencimento e a postura ideológica dos sujeitos envolvidos no discurso. Ideologia e hegemonia estão indissociados da perspectiva de projeto político e visão de mundo.

Além das revistas *Veja* e *Isto É*, que têm recebido um número maior de pesquisas, o Laboratório conta ainda com as revistas semanais *Época*, *Visão* e *Carta Capital*. Ressaltam-se outros estudos realizados em nível de Iniciação Científica, de graduação, que demonstram alto nível de reflexão teórica e metodológica, além de permitirem aprimorar questões para a elaboração de pesquisas de maior fôlego. Algumas pesquisas são desenvolvidas acerca da História Imediata, seja brasileira seja mundial, como nos estudos sobre o Terror de Estado dos EUA (11 de setembro). (SILVA, 2005b) É importante lembrar que no momento em que “registra” a história, as revistas também “fazem” história, sob a perspectiva de que sua ação tem sempre intencionalidade.

Por fim, ainda em termos exploratórios de levantamento de questões de pesquisa, há o problema diretamente relacionado com o papel da imprensa no processo histórico. Trata-se da especificidade da História para tratar de temas recentes, a chamada História Imediata. Paralela a essa está a questão do que podemos considerar *habitus* jornalístico. (BOURDIEU in ORTIZ) Há um discurso jornalístico hegemônico que repete os preceitos de uma postura crítica e de uma “missão” expressa no Quarto Poder supostamente exercido pela imprensa.⁷ Isso investe os jornalistas de uma confiança pública, que faz com que a realidade manipuladora da grande imprensa apareça como distorção, anomalia, e não o contrário. Cabe nos questionarmos em que medida uma realidade que se repete constantemente (a do papel manipulador e interesseiro da mídia, que divulga apenas aquilo que lhe interessa e quando interessa) deveria ser vista como a “realidade-realmente existente” sobre a mídia, ao invés de deitar sobre a temática uma visão idílica de que a mídia deveria servir aos interesses da “sociedade”⁸, visão também idílica de uma sociedade sem conflitos e sem classes sociais antagônicas.

⁶ Para uma boa discussão do conceito de hegemonia em Gramsci ver: DIAS, 1996.

⁷ Para uma visão auto-crítica dos jornalistas, ver: DIEZHANDINO, et. Al, 1994.

⁸ Para uma visão crítica sobre a banalização e neutralização do termo sociedade, ver a análise de Virginia Fontes em: LIMA e NEVES, 2006 (201-239).

Bibliografia

- CALIL, Gilberto Grassi. *O integralismo no pós-Guerra: a formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001.
- DEL ROIO, Marcos. (Org). *Trabalho, política e cultura em Gramsci: os 70 aos da morte de Gramsci*. Marília, Oficina Universitária Unesp, 2007.
- DIAS, Edmundo Fernandes. Hegemonia: racionalidade que se faz história. In: DIAS, E. F. (Org). *O outro Gramsci*. 3ª ed. São Paulo, 1996.
- DIEZHANDINO, Maria Pilar. Et. All. *La elite de los periodistas*. Bilbao, Servicio Editorial Universidad del País Vasco, 1994.
- DUARTE, Selma Martins. *Isto É: os discursos em torno da lenta redemocratização brasileira (1976-1981)*. Dissertação de Mestrado, Dourados, UFGD, 2007.
- FARO, J. S. *Revista Realidade. 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira*. Porto Alegre, Age / Ulbra, 1999.
- FONTES, Virginia. A sociedade civil no Brasil contemporâneo: lutas sociais e luta teórica na década de 1980. In: LIMA, Júlio César França e NEVES, Lucia Maria Wanderley. (Orgs). *Fundamentos da educação escolar do Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2006. (201-239).
- KOLING, Paulo. Sociedade e política em Marechal Candido Rondon. *Tempos Históricos*. vl. 10, 1º sem/2007 (351-367).
- LINHA DE PESQUISA ESTADO E PODER. *I Simpósio Estado e Poder*. ANAIS – Textos completos (no prelo). Cascavel, Edunioeste, 2008.
- NEVES, Lucia Maria Wanderley. (Org). *A nova pedagogia da hegemonia: estratégias do capital para educar o consenso*. São Paulo, Xamã, 2005.
- ORTIZ, Renato. (Org.). *Pierre Bourdieu*. 2ª ed. São Paulo, Ática, 1994.
- SILVA, Carla. VEJA: o indispensável partido neoliberal. Tese de Doutorado, Niterói, UFF, 2005.
- SILVA, Carla. Veja e a cobertura do “11 de setembro”: a legitimação da guerra imperialista. *Projeto História*. São Paulo, (30) (301-326), jun 2005 (b)
- SILVA, Carla. A retórica do “não há alternativas” como face da luta de classes: a revista Veja nos anos 1990. *Lutas & Resistências*. No 3 - Volume 2, 2º sem. 2007 (36-48).
- TEZINI, Juliana Caetano Vaccari. O movimento estudantil em 1977 e a atuação política da revista Veja. *Tempos Históricos*. vl. 10, 1º sem/ 2007 (171-205).
- WAINER, Samuel. *Minha razão de viver*. Memórias de um repórter. 6ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1987.